

**Flora Süssekind e Júlio Castañon Guimarães –
Sobre Augusto de Campos**
Rio de Janeiro: 7Letras/Edições Casa de Rui Barbosa, 2004.

Walter Carlos Costa

Se tivesse aparecido há alguns anos, *Sobre Augusto de Campos* talvez tivesse provocado alguma reação apaixonada de partidários e adversários da Poesia Concreta. Quando saiu, há um ano e meio, parece ter sido largamente ignorado pelos suplementos culturais. De fato, a conjuntura literária brasileira está longe das preocupações de arte verbal representadas por Guimarães Rosa na ficção e pelos concretos na poesia. O livro, por isso mesmo, merece ser lido com atenção, pois reúne uma série de ensaios que ajudam a avaliar, de forma bastante abrangente e objetiva, a contribuição do poeta, crítico e tradutor paulista.

O livro surgiu de um seminário organizado pela Casa de Rui Barbosa, com a seriedade habitual deste centro de pesquisa, e traz como suplemento um documentadíssimo voluminho intitulado *Augusto de Campos – poemas, publicações, manuscritos, vídeos e gravações*, catálogo da exposição *Augusto de Campos*, realizada entre 23 de agosto e outubro de 2004. O catálogo traz uma cronologia da vida e das obras do poeta, com um variado material iconográfico e reprodução de poemas, traduções e textos críticos de diferentes períodos e em diferentes suportes. Cabe destacar que o livro é co-editado pela 7Letras, uma das editoras que mais têm investido na publicação sistemática da nova poesia brasileira, além de traduções de poesia estrangeira, tanto em livros como em suas duas revistas dedicadas, respectivamente, à poesia e à prosa: *Inimigo rumor* e *Ficções*.

Embora todos os colaboradores sejam simpáticos ao autor, os textos não são apologeticos nem condescendentes e visam, como declaram os organizadores, a preencher “uma lacuna, verdadeiramente espantosa (tendo em vista as suas cinco décadas de atividade poética e crítica): a ausência de estudos críticos sobre a obra de Augusto de Campos”. O livro recolhe textos de estudiosos brasileiros e estrangeiros, pertencentes, com a única exceção do poeta Carlos Ávila, ao universo acadêmico, embora sejam também poetas o pesquisador Júlio Castañon Guimarães, da Casa de Rui Barbosa, e Paulo Henriques Britto, tradutor e professor da PUC-Rio.

Os ensaios da primeira parte enfocam o que Júlio Castañon Guima-

rões define como “sua dimensão visual”, em que são ressaltadas “tanto a exploração das possibilidades tipográficas, quanto a utilização de elementos exclusivamente visuais”. Kenneth David Jackson, Gonzalo Aguilar e Júlio Castañon Guimarães dissecam o projeto poético-visual de Augusto, com exaustivas análises. Contudo, fica a sensação de que talvez seja esse idiossincrático e persistente predomínio do visual que torna a sua obra de difícil assimilação no conjunto do corpus poético do país e limite sua audiência tanto entre leitores como entre poetas. Essa obstinada heterodoxia de Augusto merece o devido destaque nos ensaios da segunda parte, denominada “Formas do Não”, que exploram o consistente vanguardismo de sua poesia, e que tem em “Duas aproximações ao não como sim”, de Luiz Costa Lima, sua explicação mais cabal. A terceira parte, “Poesia e Técnica”, aborda as relações da poesia de Augusto com o meio digital, que o poeta foi um dos primeiros a explorar.

A partir da quarta parte, intitulada “Memos”, que coincide com sua segunda metade, o livro aborda a porção da obra de Augusto mais reconhecida e absorvida: a que tem a ver com a música e com a tradução. Inclui-se aqui uma breve e perceptiva entrevista com Caetano Veloso, que lapidarmente define o autor de *VIVA VAIA*: “Augusto é mais um poeta-músico/pintor do que um poeta-escritor”. Na quinta parte, “Crítica e música”, está um dos mais inspirados ensaios do livro, “Balanço da bossa: Augusto de Campos e a crítica de música popular”, de Santuza Cambraia Naves. A sexta, chamada simplesmente “Tradução”, traz textos sobre o setor da obra de Augusto que goza de uma virtual unanimidade crítica.

Em “Questões sobre a tradução de ‘Elegy: going to bed’”, de John Donne, Inês Oseki-Dépré reproduz parte de uma excelente entrevista com Augusto, em que este mostra uma argumentação muito matizada, que pode surpreender aos que conhecem apenas seus textos mais polêmicos, e em que defende alguns tradutores franceses de Donne criticados pelo tradutólogo Antoine Berman. Jerusa Pires Ferreira, pioneira nos estudos de oralidade entre nós, examina, em “Augusto, Arnaut, Raimbaut e outros provençais”, as traduções que Augusto fez desses virtuosos do verso, estabelecendo as conexões com a poesia popular nordestina, especificamente com O Cego Aderaldo. Este desconcertante lado popular de

Augusto é também assinalado no belo artigo de Boris Schnaiderman (parceiro de Augusto nas traduções de poesia russa) quando evoca o ousado uso de uma citação de Roberto Carlos (“que tudo o mais vá pro inferno”) ao traduzir um poema de Maiakóvski. Esta seção se fecha com um texto da crítica norte-americana Marjorie Perloff, que, lamentando a ausência de traduções ao inglês dos concretos brasileiros, explora as traduções francesas, e com um texto, de excepcional qualidade, de Paulo Henriques Britto, um dos melhores tradutores de poesia atuais e seguidor, à sua maneira, do método tradutório de Augusto de Campos.

Paulo Henriques Britto assinala a contradição entre o aparente desinteresse de Augusto pelos grandes temas e sua paixão pela forma poética. Britto sublinha que a paixão em Augusto é tão forte quanto em outros poetas, só que ela se deslocou do tema da poesia para o tema do poeta, “a figura ultra-romântica do gênio incompreendido, escrevendo poemas imortais sob a indiferença glacial dos filisteus mesquinhos de seu tempo”. Britto assinala ainda que, contrariamente ao que se podia esperar, as traduções de Augusto não se detêm apenas no aspecto formal e tentam, com muito sucesso, recuperar a totalidade poética, em seus aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e prosódicos. Através de uma análise minuciosa desses quatro aspectos na tradução do soneto “Carrion-Comfort”, de Gerald Manley Hopkins, Britto demonstra que a arte tradutória de Augusto envolve tanto uma extrema atenção a detalhes técnicos quanto a detalhes temáticos, produzindo uma tradução classificada simplesmente de “esplêndida”. Segundo Britto, é preciso separar o produto das declarações, pois “ao contrário do que eles apregoam, Augusto e seus companheiros não inventaram nenhum processo novo e revolucionário no campo da tradução de poesia, e sim elevaram o nível de qualidade de seu ofício a um patamar raramente atingido antes”.

Finalmente, vale notar que *Sobre Augusto de Campos*, além de ser uma ampla e equilibrada síntese da obra de Augusto, constitui também um rico material a ser usado nos cursos de poesia contemporânea brasileira.